

DE PONTO ÀS PONTAS: CENTROS CULTURAIS PAULISTANOS E A CULTURA DA INFORMAÇÃO EM ARTE

FROM THE TOP TO THE EDGES: CULTURAL CENTRES IN SÃO PAULO AND THE CULTURE OF INFORMATION IN ART

Tania Rajczuk Dombi

Universidade de São Paulo – tanrd@uol.com.br

Resumo: Uma avenida e seu ponto quase central: a localização de um dos mais importantes acervos artísticos da América Latina e do Hemisfério Sul, e que também representa o ícone da cidade. Um ponto de referência-mor. A via, no entanto, não se resume a ser só container do *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand*, sendo seu conteúdo de significativa abrangência tanto nas questões financeiras, comerciais, históricas, políticas, culturais, afetivas, como também, claro, artísticas. A paulistana Avenida Paulista, considerada a mais paulista das avenidas, abriga também outras instituições culturais relevantes para a cidade, estado e país. Assim, o foco do artigo não é exclusivamente o MASP, mas, sobretudo, seus mais novos vizinhos, a *Japan House* e o *Instituto Moreira Salles*, situados, literalmente, um em cada ponta da avenida. Se o ponto de partida pode ocorrer a partir do centro, considerando o imenso convite proporcionado pela via, especialmente aos domingos, quando torna-se um único “calçadão”, eis, por si só, uma “obra aberta”, bastando, para tanto, se determinar uma direção. Assim também são as bibliotecas destas duas instituições: amplas, abertas, inclusive visualmente, onde todo o acervo se encontra em uma única parede e obedece às temáticas ligadas a suas áreas de atuação: cultura japonesa (JH) e fotografia (IMS). Lugares onde a acessibilidade à obra de arte, tanto através do livro como o livro em si, é facilitada. No entanto, o que ambas têm de mais contemporâneo e que dialoga com qualquer outra biblioteca é o fato de serem sustentáveis, aliás, desde suas origens. Palavras-chave como reutilização e retornável, que sempre fizeram parte das práticas internacionais de bibliotecas mundo afora, vão de encontro à Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável proposto pela ONU. Os casos em questão também são analisados quanto a alguns objetivos desta ação global e que envolve instituições eficazes, inovação e infraestrutura, redução das desigualdades, consumo e produção responsáveis, parcerias e meios de implementação, e educação de qualidade. Além da Agenda 2030, os estudos dos três casos, inclusive *in loco*, marcam a metodologia utilizada neste artigo, assim como *Obra Aberta* de Umberto Eco, as visões da arquiteta do MASP, Lina Bo Bardi, e os olhares e práticas contemporâneos da *Japan House* e do *Instituto Moreira Salles*.

Palavras-chave: Museu. Biblioteca. Arte. Cidade. Desenvolvimento sustentável.

Abstract: An avenue and its almost central point: the location of one of the most important artistic collections of Latin America and of Southern Hemisphere, and that also represents an icon of the city. It's a top landmark. However, the road is not only a container of the *São Paulo Museum of Art [Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand]*, but also its content is an significant comprehensiveness in financial, commercial, historic, politic,

cultural, affective matters, as well as, of course, artistic. The “paulistana” (from the city of São Paulo) Paulista Avenue is considered the most “paulista” (from the state of São Paulo) of the avenues, and it is home to other cultural institutes as well, whose relevance stand out in the city, in the state and in the country too. Therefore, the focus of this article is not exclusively the *São Paulo Museum of Art (MASP)*, but especially the newest neighbours, the *Japan House* and the *Moreira Salles Institute*, situated, literally, one in each edge of the avenue. If the starting point can be taken from the centre, considering the immense invitation provided by the avenue, especially on Sundays, when it becomes a boardwalk, so there is in itself “the open work”, and one direction can be determined. In that way, the libraries of both these institutions are also a wide and open space, even visually, where the whole bibliographical collection can be fit on one wall and they follow the themes linked to their areas of activity: Japanese culture (*Japan House*) and photography (*Moreira Salles Institute*). Places where the accessibility to the works of art, both through the book as like the book in itself, is facilitated. Nevertheless, there is also a very contemporary element in both of them and which dialogues with any other library: the fact that they are sustainable, by the way, since their origins. Keywords such as reusable and returnable, which have always been part of the international practices of libraries around the world, fly in the face of the 2030 Agenda for Sustainable Development proposed by United Nations (UN). The cases concerned are also analysed according to some goals for this global action and that involve strong institutions, innovation and infrastructure, reduced inequalities, responsible consumption and production, partnership for the goals and quality education. Beyond the 2030 Agenda, the studies of these three cases, including *in loco*, mark the methodology used in this article, as well as *The Open Work* by Umberto Eco, the visions of the architect of MASP, Lina Bo Bardi, and the contemporary views and practice of the *Japan House* and the Instituto Moreira Salles.

Keywords: Museum. Lybrary. Art. City. Sustainable Development.

1 PONTO CENTRAL

A região em que a Avenida Paulista está localizada representa, geograficamente, o ponto mais elevado do centro expandido da cidade de São Paulo. Por sua vez, o centro da avenida, acolhe o *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand*, cujo acervo é considerado um dos mais importantes da América Latina e do Hemisfério Sul. Sua marcante arquitetura de concreto, pilares vermelhos e um imenso vão livre caracterizam a construção idealizada pela italiana Lina Bo Bardi (1914-1992). O edifício talvez seja o grande ícone da avenida e também um dos maiores da capital do estado de São Paulo, observando também que a Avenida Paulista é considerada “a mais paulista das avenidas”. Ponto de referência, de encontro e de manifestações, a diversidade está presente na área quanto aos assuntos

financeiros, comerciais, históricos, políticos, culturais, afetivos e, de uma forma mais óbvia, artísticos.

Nos últimos anos, alguns centros urbanos brasileiros têm buscado reunir instituições culturais em uma única área, ocupando edifícios históricos geralmente. É o caso do centro histórico de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o Circuito Cultural da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, Minas Gerais e o Corredor Cultural da cidade do Rio de Janeiro. A Avenida Paulista parece caminhar também neste sentido, embora com construções mais contemporâneas. Tanto em seu início quanto em seu final, à via foram incorporadas em 2017 dois centros culturais de peso: a *Japan House* e o *Instituto Moreira Salles*, respectivamente. Embora o foco esteja principalmente nestes dois locais, além do MASP, é interessante observar que a Avenida Paulista também abarca a *Casa das Rosas Haroldo de Campos*, o *Sesc Avenida Paulista*, o *Itaú Cultural*, o *Centro Cultural Fiesp*, o *Espaço Cultural Conjunto Nacional* e o *Instituto Cervantes*.

Livrarias e cinemas somam-se a estas espaços culturais, sendo que aos domingos a Avenida Paulista fecha-se ao trânsito de automóveis, e de “corredor cultural” torna-se também “calçadão cultural”. Se o ponto de partida pode ocorrer a partir do centro, sendo o MASP seu ponto central, há de se considerar o imenso convite proporcionado pela via e eis, por si só, uma “obra aberta”, bastando, para tanto, se determinar uma direção. A proposta de Umberto Eco em *Obra Aberta*, especialmente no capítulo *A obra aberta nas artes visuais*, e mais especificamente no subcapítulo *Abertura e informação* é a de se considerar as “várias possibilidades frutivas” e seus limites, dialogando, dessa forma, com esta investigação.

2 DO PONTO ÀS PONTAS

Assim como uma obra literária, a Avenida Paulista é uma via onde é possível a fruição de ponta à ponta. Como ocorre na contracapa ou com um marcador de página acoplado ao livro, a tendência é que se apresente primeiramente o ponto central, muitas vezes seu ápice, que aqui, no caso, é o *Museu de Arte de São Paulo*. Porém, será o leitor-espectador-transeunte-visitante quem irá definir este termômetro de identificação, contemplação e informação. Assim, o descobrir e se familiarizar ligados ao início, e a expectativa e memória

ligados ao seu término, podem conter momentos reveladores, ultrapassando e transformando projeções incipientes.

Comparar uma avenida a um livro também faz sentido: ambos são compostos de números, sendo que cada edifício poderia representar uma página, um agrupamento delas ou até um capítulo, devido à sua extensão. Os números podem até representar ordem ou cronologia, mas o leitor-transeunte pode estabelecer também seu próprio ponto de partida.

Considerando que o objetivo deste artigo é o de investigar centros culturais na Avenida Paulista que contenham centros de informação em arte, ou de uma forma mais sintetizada, bibliotecas de arte contidas em museus, não há como não investigar a estreita relação entre esses dois “lugares de memória”. Determinado por Pierre Nora (1931), este conceito também é visto pelo autor como “lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel” (NORA, 1993, p. 22). Essas contradições e dualidades, que ora se opõem ora se envolvem, muito devido à leitura e as atividades do presente em relação ao passado, são facilmente reconhecíveis em espaços como museus e bibliotecas. O fato de um estar vinculado ao outro, surgem novos enlaces e que também poderão gerar novas tecituras relacionadas ao contemporâneo.

Fundado em 1947, o Museu de Arte de São Paulo passa a residir na Avenida Paulista em 1968 na icônica construção de Lina Bo Bardi. A visão da arquiteta em relação à obra – praticamente uma obra de arte pela sua plasticidade e unicidade – também dialoga com aquela de Nora, que é posterior a esta:

procurei uma arquitetura simples, uma arquitetura que pudesse comunicar de imediato aquilo que, no passado, se chamou de ‘monumental’, isto é, o sentido do ‘coletivo’, da ‘Dignidade Cívica’. [...] Acho que no Museu de Arte de São Paulo eliminei o esnobismo cultural tão querido pelos intelectuais (e os arquitetos de hoje), optando pelas soluções diretas, despidas” (BARDI, 2008, p. 100).

Assim, uma leitura do que seria um lugar de memória convencional pode ganhar um novo fôlego, inclusive a partir de sua arquitetura. A proposta estava também atrelada não só à arte convencional, como a pintura e a escultura, mas também ao design, às artes aplicadas, através da exposição de objetos domésticos e vestuário, por exemplo. Embora a intenção de Lina Bo Bardi era, visivelmente, também a de popularizar a ideia de museu e, conseqüentemente, todos os elementos relacionados à concepção, é possível também se argumentar que, hoje, na prática, houve mudanças decisivas. Se por questões de segurança, de

políticas internas e/ou internacionais, ou outros motivos, o museu está mais restrito quanto às questões de abertura, embora seja inegável que seu vão livre (*Belvedere*) seja talvez o abrigo mais democrático de toda a avenida e sendo este também um “lugar coletivo”, marcante mesmo na história do país.

A biblioteca, hoje Centro de Pesquisa do MASP (cujo acervo envolve além de livros, documentos históricos, catálogos, revistas, teses e artigos), encontra-se no subsolo do museu, simetricamente oposta ao restaurante e tendo um espaço expositivo (*Hall Cívico*) ao centro. Embora, a palavra *subsolo* remeta a um local sem iluminação natural, o que ocorre aqui é exatamente o oposto. De fato, da Avenida Paulista não se tem a visão do subsolo, mas a parte posterior do centro de pesquisa e do restaurante comunicam-se com a Praça Arquiteto Rodrigo Lefevre. A paisagem urbana e natural criam uma interessante e intensa movimentação através das amplas janelas da biblioteca, que, por sua vez, claro, é um local de silêncio, de concentração e conservação. Um enlace contraditório, mas de elementos complementares.



Figura 1: Estudo de Lina Bo Bardi para a biblioteca à esq. (FERRAZ, 2008, p.109) e atual *Centro de Pesquisa do MASP* à dir. (Foto da autora, 2018)

O uso do vidro na biblioteca (Figura 1) permite tanto a comunicação dos espaços internos do subsolo no interior do museu e destes com o visitante, como com o espaço externo, conforme mencionado anteriormente. O acesso ao interior do Centro de Pesquisa, no entanto, é feito por agendamento prévio.

Também é possível observar na Figura 1, que Lina Bo Bardi planejou empregar o vidro também como vitrine para a exposição de obras de arte. Atualmente uma escultura de bronze de Pierre Auguste Renoir (1841-1919), *Venus Victrix*, pode ser apreciada a partir de uma das portas da biblioteca. Segundo o *Petit Palais* de Paris, França, na obra criada entre 1914 e 1916, “o estilo da antiguidade clássica ecoa na fase final de Renoir. Como Maillol,

Bourdelle ou Picasso durante o mesmo período, ele volta aos modelos greco-romanos que vieram a ser conhecidos como ‘retorno ao estilo’, combinando realismo e idealismo (PETIT PALAIS, 2018, tradução nossa).

Esta reminiscência do clássico provinda da obra de Renoir reflete um pouco as práticas do Centro de Pesquisa do MASP, também combinando “realidade” e idealismo. A catalogação obedece à forma tradicional (*CDD* e *Cutter*), com um acervo onde destacam-se mais de 500 obras raras, muitas advindas da coleção do casal Bardi, sendo que o marido de Lina Bo Bardi, Pietro Maria Bardi, foi também um dos diretores do museu. Aliás, a biblioteca do MASP inicia-se com a doação dos Bardis em 1977 (MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO, 2018). Neste acervo, há inclusive obras italianas do século XVI e de autoria de Dionísio de Halicarnasso, Leonardo da Vinci, Leon Battista Alberti, Andrea Palladio, entre outros, com ilustrações em xilogravura e calcogravura, além de encadernações originais em pergaminho e a meio couro e papel marmorizado. Praticamente obras de arte, por assim dizer, considerando que algumas obras já fizeram parte de exposições, como *Le fabbriche e i disegni* de Palladio e *L'architettura generale* de Vitruvius na mostra *Arte italiana do MASP* realizada pela Casa FIAT de Cultura (Nova Lima, MG) em 2006. Estas obras raras são mantidas em Reserva Técnica, no subsolo do Centro de Pesquisa, em acondicionamento especial de temperatura e umidade. É possível se obter algumas informações através do catálogo online, sendo que em alguns casos há links de outras instituições para a visualização da obra. O acesso direto a estes livros é feito apenas por solicitação formal e institucional.

Como um livro especial e raro pode ser em si também uma obra de arte, as bibliotecas também devem ser vistas como um local de fruição, uma extensão natural do museu, embora em seu acervo possam existir obras que não sejam apenas as de arte ou que sigam uma única classificação e catalogação. Douglas Crimp em *Sob as ruínas do museu* menciona:

Lembro-me de ter pensado como era engraçado o fato de o livro ter sido classificado de maneira errada, ficando na companhia de livros sobre automóveis, autoestradas e coisas do gênero. Eu sabia, e as bibliotecárias evidentemente não sabiam, que o livro de Ruscha era uma obra de arte, e, portanto, pertencia à seção de arte. Mas agora, devido às reconfigurações causadas pelo pós-modernismo, mudei de ideia; agora sei que os livros de Ed Ruscha são incompreensíveis do ponto de vista das classificações de arte usadas para catalogar os livros de arte na biblioteca, e isso faz parte de sua conquista. O fato de não haver lugar para *Twentysix Gasoline Stations* dentro do atual sistema de catalogação é um indício do radicalismo do livro em relação aos modos de pensar consagrados (CRIMP, 2005, p. 72).

Por outro lado, as obras raras também dialogam com o presente, quando o artesanal parece ser novamente uma das buscas de editoras voltadas a tiragens limitadas, menores ou mais artísticas. Estas obras contemporâneas, por sua vez, permitindo uma maior interação leitor-livro, inerente por si só, permite também novas leituras, mais próximas às propostas dos livros-objetos, por exemplo, que também não são uma novidade: vide a produção concretista em meados do século XX e os livros de artista.

Saindo do MASP, dois caminhos possibilitam chegar aos destinos finais. À esquerda ou o início numérico da avenida está a *Japan House*; já à direita e, numericamente, seu final, o *Instituto Moreira Salles*. A escolha destas duas instituições como objetos de estudo transpassa suas localizações, mas não menospreza a arquitetura das instituições (assim como ocorre com o MASP). Da mesma forma que a Avenida Paulista aos domingos, os espaços são livres, gratuitos e suas bibliotecas são realmente abertas, tanto visualmente quanto ao seu uso. Talvez o mais surpreendente entre ambas é que são “frutos de uma parede só”. Convidativas, são também espaços diferentes entre si.

Na *Japan House*, voltada à cultura japonesa, a biblioteca se confunde com uma livraria ou com outro espaço comercial com uma estante de livros ao fundo. Assim, há dois passos da estante – ou mesmo em sua outra ponta –, objetos comercializáveis como bolsas e utensílios domésticos são expostos, inclusive em vitrines, e podem ser adquiridos. Mas não os livros. Chamada também de *Espaço Multimídia*, a própria *Japan House* informa:

Cada estante tem a intenção de estimular a curiosidade nos visitantes. Hoje em dia, quando alguém procura alguma coisa, usa as ferramentas de busca da internet. Mas queremos que nossos visitantes resgatem o prazer de folhear livros e garimpar prateleiras, descobrindo sensações, criando desejos, resgatando memórias.

A arrumação dos livros não obedece a lógica A-Z como em bibliotecas ou livrarias. Eles estão organizados por assunto, um jeito mais moderno e atraente para os leitores. Seja em japonês, inglês ou português, aqui você encontrará um pequeno e rico acervo.

As áreas do conhecimento contempladas: Comer, Viajar, Estilo de vida, Cultura, História, Design, Arquitetura, Tecnologia, Japão e Brasil e Crianças.

No nosso espaço, temos também 200 mangás, vários usados, doação da Universidade de Meiji para o público brasileiro. São todos em japonês, mas se você não puder lê-los, pode curtir os traços lindíssimos dos autores ao retratar cenas e personagens.

Contamos também com tablets para navegar por sites e conteúdos digitais. Para isso, basta contatar um de nossos monitores (JAPAN HOUSE, 2018).

Localizada no piso térreo, a biblioteca se encontra mais ao fundo da construção e ao lado da área externa, que, pequena mas bem aproveitada, permite também a entrada de

luz natural ao ambiente. A abertura do espaço, sem muitas divisórias e divisões muito claras, mas ainda assim com ambientes diferentes e perceptíveis, com espaços expositivos, café, área de estar/de leitura, jardim, também se reflete nos diferentes modos de expor dos quase dois mil livros da biblioteca (Figura 2). Alguns ganham destaque, onde são apresentados de frente, através de suas capas ou caixas especiais, abertos sobre um suporte de acrílico ou mesmo verticalmente no modo tradicional, exibindo a lombada do livro. Porém, não se vê o código de localização da obra como em uma biblioteca tradicional. Para que não haja confusão com uma livraria, ao longo das prateleiras, há a seguinte informação: “Os livros não estão à venda, são somente para consulta”. Já os assuntos são divididos por blocos, com o tema escrito em português, inglês e japonês.



Figura 2: Vista parcial da biblioteca da *Japan House*, e área com café, sofás e jardim à dir. (Foto da autora, 2018)

A arquitetura do japonês Kengo Kuma (1954) privilegia o uso de materiais naturais de revestimento, como o papel (o *washi*, “papel japonês”) e o bambu, sendo que este último também surge no paisagismo e em obras de arte da *Japan House* (todos, inclusive, visíveis a partir da biblioteca). É interessante ressaltar que o bambu, além de sustentável, talvez seja o elemento mais emblemático do Japão e a primeira exposição realizada pela *Japan House* apresentou o bambu como temática. Idealizador do novo Estádio de Tóquio para as Olimpíadas de 2020, Kuma também utilizou a madeira em pisos e na fachada. Com inspiração em cobogós (DANTAS, 2017), os elementos vazados usados na arquitetura, principalmente na modernista brasileira, criam texturas e enlaces na parte externa.

Já a pedra portuguesa, revestimento típico de tantas calçadas brasileiras e inclusive da Avenida Paulista, foi levada até o quinto andar do Instituto Moreira Salles, onde o escritório *Andrade Morettin Arquitetos* idealizou a entrada, chamada de “Praça IMS”. É o ponto central, de onde parte todo o acesso para o edifício. O térreo, por sua vez, é uma espécie de vão livre, uma extensão da Avenida Paulista, tal como ocorre no MASP. Assim, uma escada rolante parte do térreo em direção à praça, mas antes passa pela biblioteca. Conforme a elevação ao piso superior ocorre, é impossível não notá-la. Sua visualização é quase completa a partir de seu exterior (mas já no interior da construção), já que suas paredes internas são inteiramente revestidas por vidro transparente. Não seria exagero afirmar que o maior espetáculo do edifício é mesmo a *Biblioteca de Fotografia* (Figura 3).



Figura 3: *Biblioteca de Fotografia* do Instituto Moreira Salles com sala de leitura, mobiliário expositivo e o móbile de Calder à direita (Foto da autora, 2018)

As paredes externas também são revestidas de vidro, mas translúcido, permitindo a entrada de muita luz natural, considerando também o planejamento do pé direito duplo. Explica o *Escritório Morettin Arquitetos* que a luz produzida “carrega com ela o rastro da cidade, trazendo para o interior do museu a memória do mundo que está a sua volta (ANDRADE MORETTIN ARQUITETOS, 2018).

Além da comunicação com a avenida, a partir do ambiente interno da biblioteca, uma obra de arte também parece buscar diálogos e criar elos entre estes dois mundos. Trata-se de *Viúva Negra* (1948), de Alexander Calder (1898-1976), o móbile que já tinha resido na Praça IMS, parece ter se adaptado melhor à Biblioteca de Fotografia. No primeiro espaço, geralmente se agitava mais acompanhando a Avenida Paulista: na praça, como em um espaço aberto, respirava todo o ar proveniente da abertura para a via. Já na Biblioteca, reconheceu a

dança à qual estava acostumada; em grande parte pela proteção de um ambiente fechado – mais tímido quanto à atmosfera, mas espetacular enquanto concepção – ainda mantendo o olhar contemplativo cidade afora. Suas origens, é interessante lembrar, está no Instituto de Arquitetos do Brasil de São Paulo (IABSP), no centro da cidade, quando o próprio artista doou-a ao local em 1954 (BARATTO, 2017). Estes novos olhares foram permitidos por uma parceria entre IMS e IAB, mas apenas como empréstimo, sendo então o registro à direita da Figura 3 quase um *happening*. Aliás, esse deslocamento e suas novas leituras vão de encontro à “estética da recepção” de Hans Robert Jauss:

O que está patente na postulação de Jauss em sua estética de recepção é a constatação da falência da sistematização filosófica em torno da abordagem da obra de arte. Deixando à experiência vivida do fenômeno estético o papel central da obra de arte, Jauss propõe em verdade um redimensionamento da atividade artística e, principalmente, da atividade de fruição da obra. A teoria serviria para compreender esses níveis de ação em seu contexto cultural, não para atuar como descortinadora das verdades da obra e muito menos para sugerir modos de percepção e de criação artísticas. Para compreender a atividade artística, especialmente no momento de sua recepção – que seria, em realidade, o momento no qual a obra ganha vida – a crítica deveria colocar em lugar da estética filosófica e da hermenêutica um conjunto de variadas disciplinas que possibilitasse uma visão abrangente da obra de arte enquanto fenômeno cultural e social não mais fechado no âmbito da pura artisticidade (MENEZES, 205, 2001).

Um mobiliário de madeira, aliás, um material onipresente nesta biblioteca, quase que divide a sala de leitura em duas: uma parte composta por sofás e pufes - além da escultura de Calder - e outra, mais tradicional, com mesas, cadeiras e monitores. Esta peça, na verdade um revestimento na parte inferior, também é quase um “ambiente” expositivo. Exibe documentos e livros relacionados a um tema, analogamente a um pequeno museu dentro da biblioteca. Durante o período em que este artigo foi escrito, por exemplo, continha revistas e livros que se relacionavam com a exposição, de maior extensão, que ocorria no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro (“ O caso Flávio”). O conjunto permite divagar sobre intersecções, sobreposições e transposições de ambientes e temas, ao mesmo tempo em que relembra a questão dos “lugares de memória” de Pierre Nora.

A consulta ao acervo da Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles também é livre, aberta ao público em geral. Porém, os livros não podem ser retirados do ambiente e as obras raras necessitam de agendamento prévio. Dispostos em uma única parede, como na *Japan House*, há escadas de apoio, já que as prateleiras de livros cobrem todo o pé direito duplo do espaço. Privilegia-se a exposição de modo tradicional, através da apresentação da

lombada do livro com código de localização aparente, embora também haja obras em destaque ou dispostas na posição horizontal. Como na *Japan House* também, os livros estão divididos por temas e há aqueles que se inter-relacionam com a Fotografia. Assim, segundo o IMS, “o acervo é composto por publicações de e sobre fotografia, contemplando também seus desdobramentos em áreas como cinema, moda, artes visuais e ciências humanas” (INSTITUTO MOREIRA SALLES SÃO PAULO, 2018). Em *BiblioGráfico*, Jason Godfrey (2009, p. 6) comenta que em estúdios de design, os profissionais costumam “dar grande valor a suas bibliotecas, que são uma parte viva e funcional” e que “são raros os que se limitam a títulos específicos de design gráfico, incluindo invariavelmente livros de muitas esferas criativas, em especial de artes plásticas e fotografia”. Este exemplo do design ligado ao livro mais ilustrado, por assim dizer, vai de encontro à ideia da pesquisa através do imagético e não apenas textual, de cultura material propriamente, como objeto histórico e obra de arte, que também pode ser exposto, assim como atua a Biblioteca de Fotografia do *Instituto Moreira Salles*. Portanto, quando se analisa espaços de arte, especialmente contemporâneos e tanto em relação ao ambiente, quanto ao seu conteúdo e temas, *inter*, *sobre* e *trans* parecem ser prefixos decisivos para novos diálogos.

3 UMA AGENDA ENTRE LIVROS

No final do ano de 2015, a Organização das Nações Unidas estabeleceu “17 objetivos para transformar nosso mundo”. É uma ação global e de desenvolvimento sustentável, que visa a prosperidade e o bem-estar coletivos, considerando também a proteção do meio ambiente. É a Agenda 2030.

A aplicação de alguns desses objetivos é possível em centros culturais e, especialmente, em centros de informação em arte. Por exemplo, um dos objetivos de desenvolvimento sustentável, o ODS12, ao ser aplicado às bibliotecas, de um modo geral, faz com que estes espaços, sejam cada vez mais locais a serem preservados, mas também utilizados. A contradição explica-se pela ideia de “consumo e produção responsáveis”.

Embora o livro seja um dos produtos mais “bem vistos” em termos de consumo, há que se considerar questões como a produção deste objeto em termos de sustentabilidade, tanto quanto à poluição como quanto ao desmatamento em virtude da obtenção de papel. Livros

com folhas advindas de fontes certificadas, de reflorestamento ou recicladas, produzidas a partir de garrafa *PET*, por exemplo, já são uma realidade há algum tempo. Porém, a opção por não comprar livros - seja por motivos econômicos, por espaços pessoais cada vez mais reduzidos, pelo “culto ao vazio” e a um certo tipo de minimalismo, ou ainda a fim de controlar uma maior produção em série – faz das bibliotecas um espaço de reúso, do retornável, cujo objetivo é o mesmo desde sua invenção. Não há nada de novo sobre isso, mas que dialoga justamente com a atual busca pela sustentabilidade, indo de encontro com o ODS11, “Cidades e comunidades sustentáveis” (lembrando que tanto a *Japan House* quanto o *Instituto Moreira Salles* igualmente apresentam construções arquitetônicas sustentáveis) e com o ODS4, “Educação de Qualidade”, já que os locais de estudo são tidos como de excelência, conforme apresentado anteriormente.

Aqui cabe um parêntesis: embora ligados à Educação, tanto o museu quanto a biblioteca diferem-se de escolas e podem estar mais associados até a lugares de lazer, especialmente os espaços de cunho artístico. Conectam-se, portanto, também à “Paz, justiça e instituições eficazes” da ODS16 e “à inovação e infraestrutura” da ODS9, por funcionarem também como uma complementação à escola, permitindo uma forma de aprendizagem geralmente diferente daquela proposta em sala de aula. Museus e bibliotecas, especialmente estas últimas, também são locais tradicionalmente ligados à ideia de tranquilidade e de inclusão e, de certa forma, relacionam-se naturalmente à paz.

Mais especificamente ligado aos casos analisados neste artigo, a ODS17, “Parcerias e meios de implementação”, tem-se a obra de Calder citada há pouco. Empréstimos são sempre uma maneira positiva de democratizar uma obra, alcançando novos públicos e favorecendo a aprendizagem e a fruição, como ocorreu entre o IAB e o IMS, quando se expõe a peça na Biblioteca do último instituto. Ainda sob este ponto de vista, o ODS17, aplicado mais especificamente à *Japan House*, por ser, de certa forma, uma implementação advinda de um país desenvolvido, em seu caso único, em um país em desenvolvimento. Isto pode ser explicado, observando que as outras duas unidades estarem localizadas em Londres, Inglaterra, e Los Angeles, nos Estados Unidos. A implementação também considerou a cultura da cidade de São Paulo, muito ligada à cultura japonesa devido à imigração ocorrida a partir de 1908. Como já citado, elementos do modernismo brasileiro tiveram forte inspiração para a arquitetura da *Japan House*. O *Instituto Moreira Salles* também tem unidades nas

cidades do Rio de Janeiro e em Poços de Caldas, Minas Gerais, e não há como negar que diversas parcerias, ainda que terceirizadas e desde sua construção, devem ocorrer para que um centro cultural possa ser concebido.

De modo a criar “pontes”, a observação e estudo dos demais museus localizados na Avenida Paulista, como a *Casa das Rosas Haroldo de Campos*, o *Instituto Cervantes*, o *Instituto Itaú Cultural*, o *SESC Avenida Paulista*, o *Centro Cultural FIESP* – sendo este três últimos muito ligados ao ODS9 (“Indústria, Inovação e Infraestrutura”) – podem ir de encontro à percepção de Canclini (2008, p. 89) em *Culturas Híbridas*: “o Estado cuida do patrimônio, as empresas o modernizam”.

4 OBRA ABERTA

As considerações finais – talvez muito mais parciais e, como não poderiam deixar de ser, abertas – deste artigo aludem a pontos em comum entre as instituições citadas, indo além de suas localizações. O entrever de suas bibliotecas, graças à sua abertura (ainda que marcadas pela transparência do vidro) é um convite à informação de arte, mesmo quando o que se buscava, a princípio, era apenas o imagético e não o textual. O livro torna-se uma extensão do museu, da exposição, da obra de arte e do artista.

Vínhamos derrubando muros como protestos à intolerância, mas parece que a volta por delimitações de territórios e criação de barreiras, voltam a imperar em nossos dias, com atitudes cada vez mais individualistas. Os casos apresentados podem ter pequenas diferenças entre si, porém suas filosofias *a priori*, como a maioria dos museus e bibliotecas, é promover a democratização de obras de arte e literárias, quando planejam espaços abertos, que dialoguem entre ambientes e com o mundo externo.

Outro conceito contemporâneo, o da sustentabilidade, já era uma prioridade das bibliotecas, quando, inerentemente, adotou o reúso de livros e, em muitas delas, o uso da luz natural. Continuam atuais, mesmo que consideradas “lugares de memória”. Aliás, esta é uma de suas tantas simbioses: assegurar o passado e atualizar-se com o presente, já percebendo o futuro.

Seja através do vão livre do MASP ou dos espaços como um todo da *Japan House* e do IMS, gratuitos, de livre acesso e de convívio social, seja através da própria Avenida Paulista aos domingos, a fusão entre externo e interno, público e privado, se unem às concepções de

experiências individuais e coletivas em relação à cidade, tal como propõe Giulio Carlo Argan em *História da Arte como História da Cidade* (ARGAN, 2005).

Finalmente, o autor de *Obra Aberta*, Umberto Eco, afirma que

num mundo em que a descontinuidade dos fenômenos põe em crise a possibilidade de uma imagem unitária e definitiva, esta sugere um modo de ver aquilo que se *vive*, e vendo-o, aceitá-lo, integrá-lo em nossa sensibilidade. Uma obra aberta enfrenta plenamente a tarefa de oferecer uma imagem de descontinuidade: não a descreve, ela própria é a *descontinuidade*. Ela se coloca como mediadora entre a abstrata categoria da metodologia científica e a matéria viva de nossa sensibilidade; quase como uma espécie de esquema transcendental que nos permite compreender novos aspectos do mundo (ECO, 2010, p. 158).

Após tantas aberturas e transparências, também é fundamental não se exceder em certas questões organizacionais em relação aos ambientes, já que tanto na arte quanto na literatura, e na leitura de ambas, digressões e devaneios podem ser verdadeiras premissas. O próprio Eco adverte quanto a um “ato crítico” diante da “abertura completa de várias possibilidades frutivas” (idem, *ibidem*, p. 171), mas finaliza:

A abertura, por seu lado, é garantia de um tipo de fruição particularmente rico e surpreendente, que nossa civilização procura alcançar como valor dos mais preciosos, pois todos os dados de nossa cultura nos induzem a conceber, sentir, e portanto *ver*, o mundo segundo a categoria da possibilidade (ECO, 2010, p. 177).

REFERÊNCIAS

ANDRADE MORETTIN ARQUITETOS. IMS São Paulo. Disponível em:

<http://www.andrademorettin.com.br/projetos/ims/> . Acesso em: 7 set.2018.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARATTO, R. **Obra de Alexander Calder do IABsp será emprestada ao novo IMS da Paulista**. 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/879548/obra-de-alexander-calder-do-iabsp-sera-emprestada-ao-novo-ims-da-paulista> . Acesso em: 7 set.2018.

CANCLINI, N. G.. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CRIMP, D. **Sob as ruínas do museu**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DANTAS, M. **Kengo Kuma**: eterno efêmero. 2017. Disponível em:
https://www.japanhouse.jp/saopaulo/event/kengokumaexposicao_00001.html . Acesso em: 7 set.2018.

ECO, U. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERRAZ, M.C. (coord. ed.). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

GODFREY, J. **BiblioGráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

INSTITUTO MOREIRA SALLES SÃO PAULO. **Biblioteca de fotografia**. Disponível em:
<https://ims.com.br/acervos/biblioteca-ims-paulista/>. Acesso em: 5 jul.2018.

JAPAN HOUSE SÃO PAULO. **Espaço Multimídia**. Disponível em:
<https://www.japanhouse.jp/saopaulo/visit/MultimediaSpace.html>. Acesso em: 5 jul.2018.

MENEZES, P. **A Crise do Passado**. São Paulo: Experimento, 2001.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO. **Centro de Pesquisa**. Disponível em:
<https://masp.org.br/centro-de-pesquisa>. Acesso em: 7 set.2018.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993.

ONUBR (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL). **Objetivos de desenvolvimento sustentável**: 17 objetivos para transformar nosso mundo. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/>. Acesso em: 5 jul.2018.

PETIT PALAIS. **Venus Victrix**. Disponível em:
<http://www.petitpalais.paris.fr/en/oeuvre/venus-victrix> . Acesso em 7 set.2018.